



ensaios
TEXTUAIS

É possível falar de um lugar da mulher?

Ensaio elaborado para a disciplina de Teoria da Arquitetura. Por acreditar que a resposta para esta pergunta passa por um emaranhado indissociável entre a questão social e a questão espacial (cidade e arquitetura), ao longo deste trabalho a análise sobre o lugar da mulher em aspectos físicos ou abstratos. Para tal, será utilizada como base a análise do filme, *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão.

AUTORES

Bianca Rizk

Helena Martins Colombo

Isabela Nonato Criado

Lara Papin Briani

Nilma Karoline Souza da Conceição

Pâmela Nascimento Vieira

8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas



Figura 1 - Pôster do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.

1. FILME “A VIDA INVISÍVEL”

Ganhador do prêmio principal da mostra Um Certo Olhar no Festival de Cannes em 2019 e inspirado no livro *A Vida Invisível* de Eurídice Gusmão de Martha Batalha, o filme *A Vida Invisível* retrata a história de duas irmãs (Eurídice e Guida) durante os anos 1950 na cidade do Rio de Janeiro com olhares leves e felizes retratando a espontaneidade feminina. Logo em seguida, as duas se desencontram por um breve período e chamam uma pela outra. Esta cena inicial é um prenúncio do que viria a se tornar a história das duas irmãs ao longo do filme – friamente separadas pela estrutura patriarcal familiar e social e que passam pela vida à procura uma da outra. Os letreiros em vermelho vivo, cor de sangue, com o nome do filme faz alusão à violência vivida pelas mulheres neste filme. Violência física, psicológica, social e espacial.

1.1 SOBRE A INVISIBILIDADE

Como o título afirma, *A Vida Invisível* fala sobre a representação do invisível. Neste filme repleto de dualidades, a mulher passa da condição de sujeito à sua objetificação. O oculto sempre está presente, apesar das aparências. Criação e destruição. Ausência e presença. Vida e morte (tanto real quanto simbólica).

Ao evidenciar as estruturas familiares e sociais patriarcais, as mulheres são levadas ao silenciamento, às interrupções e às negações – à escolha, aos afetos e aos futuros. As personagens são transformadas ao longo do filme e levadas à reclusão social e ao peso de não poderem existir. Se não fossem as narrações dos saltos temporais e as mudanças de cabelo e figurino, a passagem dos anos não seria tão clara, tendo em vista que a dor e a melancolia são sempre persistentes. Enquanto separadas, imaginam uma para outras vidas felizes que

são o oposto da realidade. Saem do imaginário ideal para vidas enclausuradas pela condição de mulher nesta sociedade. Os homens e o tempo são os agentes deste enclausuramento.

A violência patriarcal evidencia a ideia de “dois pesos, duas medidas” quando, por exemplo, Eurídice é acusada de cometer um crime simplesmente pelo fato de pensar no aborto de um filho que abortava seus sonhos e, ao mesmo tempo, em sua noite de núpcias, ela sofre um estupro conjugal. Em outra cena, fica clara a naturalidade da violência pelo homem na sociedade quando observamos Antenor (marido de Eurídice) brincando com sua filha sobre “a mão que a persegue”, causando desconforto para quem assiste e reafirmando a posição do masculino sobre o feminino em todas as relações. Assim como quando a mãe de Eurídice e Guida é forçada a manter segredo sobre a volta de Guida para a irmã e, simbolicamente, morre vítima de câncer de mama e sem um seio – metáfora sobre a perda de uma das filhas.

Os únicos momentos em que Eurídice e Guida podem se expressar e existir são quando a primeira toca seu piano e a segunda escreve as cartas para a irmã que nunca as recebe.

Em falas durante o filme, Eurídice afirma que toca seu piano para tornar-se invisível ao patriarcado, pois somente assim ela pode existir – longe do olhar dos homens. Ao perceber que fora enganada pelos homens durante toda a sua vida sobre o paradeiro de Guida, Eurídice sucumbe, queima o piano e, enfim, desaparece para si também.

Com relação às cartas de Guida, ela escreve em uma delas que tal ato tem a finalidade de lutar contra seu desaparecimento, não se esquecendo de quem um dia ela foi. Guida passa a vida submetida a um trabalho braçal em um estaleiro que a apaga como mulher. É acolhida com seu filho por Filomena, uma mulher negra que se torna a família de Guida. Daí vem a dualidade de família de sangue (aquela que remete à violência) e família de amor (entre mulheres que se apoiam).

A *Vida Invisível* também é um filme sobre o amor. Todavia, o amor entre mulheres é o único possível de existir, tendo em vista que os homens as violentam e as subjugam. Atualmente, este amor entre mulheres retratado no filme é chamado de sororidade.

“Sororidade [substantivo feminino]: relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãs.”

(AURÉLIO, 2010, p.711)

1.2. SOBRE A ESPACIALIDADE

O contexto urbano em que o filme se desenvolve é a cidade do Rio de Janeiro da década de 1950. No entanto, por observar até os dias atuais um enorme repertório arquitetônico na cidade com edificações de diferentes épocas de urbanização, se não fossem o figurino, as mobílias e os meios de transporte, o filme poderia facilmente ser interpretado como atual. O calor da cidade também permeia o filme de forma sutil causando uma constante sensação de desânimo cuja relação pode ser percebida diretamente com o próprio desconforto causado pelo lugar das mulheres nesta sociedade.

Ademais, ao longo do filme, as mulheres que são apresentadas em um primeiro momento em meio à natureza e do lado de fora de suas habitações, aos poucos são empurradas para dentro das casas e apartamentos – um paralelo com as transformações às quais as mulheres são forçadas para desempenhar seus papéis na sociedade. Com isso, observamos o espaço da mulher sendo reduzido a uma vivência mais em cômodos, entre quatro paredes, do que na rua.

A fotografia do filme mostra a vida das mulheres em contraposição à realidade lá fora, emoldurada em portas e janelas, o que pode remeter sutilmente a uma situação de enclausuramento construído dia a dia. Dentro de casa, a mulher, diferentemente do homem, não possui um local que seja somente dela. O lugar da mulher dentro de casa são os lugares compartilhados entre toda a família ou com o marido. O estudo de piano de Eurídice que sonhava em ser pianista era realizado na sala. Ao contrário do homem que sempre manteve seu local de trabalho, como um escritório, onde pudesse ter momentos de privacidade ou de reunião com outros homens. O filme também toca de forma bem delicada e quase imperceptível em uma questão diretamente ligada à arquitetura e urbanismo – o direito da moradia à mulher. Este tema ainda é pauta atual nas reuniões da ONU, nas quais Raquel Rolnik (urbanista e professora da FAU-USP) fora relatora especial do direito à moradia adequada no período de 2008 a 2014.



Figura 2 – Cenas do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.

No filme, Guida deve forjar a própria morte e a falsificação de documentos para que pudesse continuar habitando a casa que lhe fora deixada de herança pela amiga Filomena. Naquela época, não seria permitido uma mulher mãe solteira possuir tal bem de forma legal. Até aquele momento, no censo brasileiro, o termo “chefe de família ou chefe da casa” era utilizado como referência apenas ao “homem da casa” (MEYLAN, 2019). Este conceito foi modificado somente a partir da década de 1990 em que “chefe da família” deu lugar a “pessoa de referência” e, desde então, percebe-se cada vez mais lares brasileiros sendo chefiados por mulheres.

Esse fato demonstra como as conquistas dos direitos da mulher sobre a questão fundiária também foram mais lentas e até hoje se tem muita discrepância de gênero no que se diz respeito ao direito à terra e à propriedade. Somente a partir da Constituição foi concedido o título de domínio e à concessão da terra, independentemente de seu estado civil, tanto na área urbana como rural. Apesar da grande conquista, o fato de a mulher só poder ter esse direito tardiamente acentuou a desigualdade sobre a posse de moradia, o que se reflete até os dias atuais.

“Mais de 12% das terras do Brasil pertencem às mulheres e essas propriedades representam pouco mais de 5% das áreas rurais. Os homens são donos de 87,32% das propriedades no país, que representam quase a totalidade das áreas rurais.” (VILLELA, F. 2016)

A citação acima mostra que não diz respeito somente à propriedade rural, também é discrepante a diferença entre títulos de posse em propriedades urbanas.

Guida é negada pela família e pela cidade – onde não tem espaço para uma mulher, mãe solo, chefe de casa, independente e com um pensamento a frente de seu tempo. Ela sofre nos lugares em que trabalha. Uma cena que denuncia essa negação da mulher na cidade é quando Guida está trabalhando no estaleiro como única mulher da equipe e um homem fala que “aquele ambiente não é para mulher trabalhar”.

Esse evento nos faz questionar – qual o ambiente para a mulher, afinal? Se, por um lado, a cidade não pode ser utilizada por elas por muito tempo, pois é perigoso e,

no pensamento da sociedade patriarcal, estar fora de casa por muito tempo abre possibilidades para sofrer preconceitos e violência, por outro, dentro de casa não existe seu próprio espaço para ter momento como um indivíduo singular.

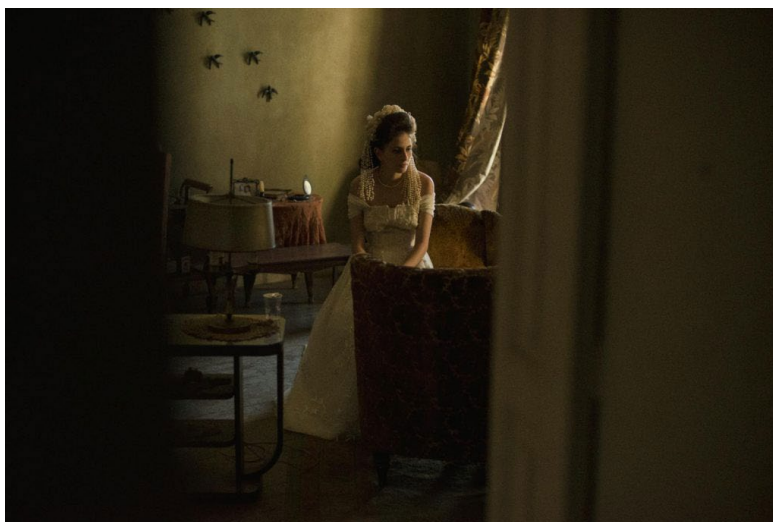


Figura 3 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.



Figura 4 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.



Figura 5 – Cenas do filme A Vida Invisível. Fonte: RT features produção.

2. SOBRE A EQUIPE TÉCNICA

O filme traz no elenco Fernanda Montenegro, Julia Stockler e Carol Duarte interpretando as principais personagens mulheres. A direção é realizada pelo cearense Karim Aïnouz, arquiteto e urbanista de formação pela Universidade de Brasília (1988) e com mestrado em Teoria e História do Cinema pela Universidade de Nova York (1991). Karim Aïnouz já afirmou em entrevistas que fora criado por mulheres feministas – a avó e a mãe –, o que atribui a ele um olhar mais sensível sobre a questão da mulher. Com relação à direção de fotografia, esta é realizada pela francesa Hélène Louvart.

3. REFLEXÕES FINAIS

Sem concluir nenhum aspecto sobre arquitetura e mulher, partindo da ideia de que o assunto ainda é amplamente questionado e debatido, ainda é possível tomar reflexões finais sobre tal estudo do grupo.

Sobre o espaço da mulher – seja ele urbano, arquitetônico ou social, é possível notar que, apesar das conquistas sociais das mulheres através de lutas feministas, o cenário de ofuscamento do gênero ainda é tanto histórico como uma problemática contemporânea. Em *A Vida Invisível* percebe-se que as personagens mulheres só são respeitadas pela família e sociedade quando ocupam espaços permitidos por esses grupos, sendo negadas quando tentam ocupar espaços que almejam – o espaço da mulher está intrinsecamente ligado com o espaço social que lhe é dado e, na maioria das vezes, retirados pela sociedade patriarcal, o qual a mesma só tem permissão para ocupar o que a cultura e moral patriarcal e machista permite que ela ocupe.

Infelizmente, ao longo de toda a história observa-se que falar do espaço feminino na sociedade, e na questão urbanística, é sempre situá-lo em contraposição ao espaço do masculino. Como falar do espaço do feminino por si só? Há um lugar da mulher ou há um resquício de espaço deixado pelo homem e que a mulher tem permissão para ocupar?



Figura 6 – Cenas do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.



Figura 7 – Cenas do filme *A Vida Invisível*. Fonte: RT features produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- *A VIDA Invisível*. Direção: Karim Aïnouz. Produção: RT features. Intérprete: Fernanda Montenegro, Carol Duarte, Julia Stockler, Gregório Duvivier. Roteiro: Murilo Hauser Inés Bortagaray Karim Aïnouz Martha Batalha. Brasil: Sony Pictures e Vitrine Filmes, 2019.
- CARMELO, Bruno. *A Vida Invisível – natureza feminina*. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-249383/criticas-adorocinema/> _ Acessado em 13 de outubro de 2020.
- GOMES, Kel. *A Vida Invisível: para aquelas que nos antecedem, aquelas que somos e as que virão*. Disponível em <https://www.cinematorio.com.br/2019/09/critica-a-vida-invisivel-euridice-gusmao-karim-ainouz-carol-duarte-julia-stockler-fernanda-montenegro-cannes-oscar/> _ Acessado em 13 de outubro de 2020.
- MEYLAN, Arleide. *As dimensões do direito à moradia: o protagonismo da mulher na política de habitação de interesse social*. Disponível em https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36764/1/2019_ArleideMeylan.pdf _ Acessado em 13 de outubro de 2020.
- VILLELA, Flávia. *Propriedades comandadas por mulheres representam cerca de 5% da área rural*. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-11/propriedades-de-terra-comandadas-por-mulheres-representam-cerca-de>. Acessado em 13 de outubro de 2020.

Arquitetura do Vazio: a concepção de nada e de tudo

Ensaio elaborado para a disciplina de Teoria da Arquitetura acerca da tentativa de conceituação do vazio; "A gente está dentro, logo a gente está fora daquele dentro onde a gente esteve. A gente se sente vazia, porque não há nada dentro da gente. A gente trata de pôr de por dentro da gente, aquele dentro do fora. Dentro do qual a gente já esteve..." (Ronald David Laing)

AUTORES:

Caio Rodrigues Ramos
Giovanna Loiola Marques
Luma Cristina Cavallaro

8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

1. O PRIMEIRO CONTATO PARA A REFLEXÃO



Figura 1 - Espalhados pelo vazio (2020) / Fonte: Autoria do grupo.

Querido leitor,

Primeiramente, seja bem-vindo a essa discussão para qual se pretende analisar as condições espaciais no campo da teoria da arquitetura. Logo te convido a abstrair de tudo que você esteja conectado no momento, talvez esse seja o primeiro desafio que você tenha que enfrentar neste exato instante de leitura, mas que é necessário.

Antes de tudo, para que você possa compreender a proposta desse texto, imagine que você está prestes a entrar em uma discussão empírica e assim como nas teses de John Locke, que você seja uma Tábula Rasa, logo **"Vamos, então, supor a sua mente sendo, como se costuma dizer, um papel em branco, vazio de todos os caracteres, sem quaisquer ideias"** (Ensaio, II, 1, §2 - John Locke).

Talvez para você leitor, essa passagem pareça descrever a mente como um objeto passivo, recebendo da experiência tudo que ela contém, que a mente seja desprovida de razão, verdades e ideias racionais. Mas é aí que você se engana, é preciso compreender que sua mente, seu próprio olhar, sua própria percepção são ferramentas fundamentais para compreender os

elementos do espaço que o circunda. Sua mente não é desprovida de pensamento, pelo contrário, imagino que ela esteja pensando em inúmeras coisas agora, mesmo eu tendo pedido para você relaxar no início desse texto e se concentrar na nossa reflexão.

Mas aí, se você e eu somos uma Tábula Rasa, como um corpo seria passível de receber ideias a qualquer momento?

"Como chega a recebê-las? De onde obtém esta prodigiosa abundância de ideias, que a ativa e ilimitada fantasia do homem nele pintou, com uma variedade quase infinita? De onde tira todos os materiais da razão e do conhecimento? A isto respondo com uma só palavra: da experiência" (LOCKE, 2010, p. 106).

É a partir da experiência, que daqui algum tempo você poderá responder tantas perguntas as quais anseia, pode ser que você tenha mais experiência que eu, e esteja apto a responder em um menor tempo os tantos questionamentos que este ensaio possa vir a deixar.

Para Locke, existem dois tipos de conteúdo baseados em nossa experiência, dos quais apenas um vem da interação com o espaço. Embora a **sensação** pareça ser "a maior fonte da maioria das ideias que temos", não há exclusividade nesse processo.

O outro tipo de fonte o qual o filósofo explicita é a **reflexão**, que fornece a experiência que a mente adquire "ao perceber suas próprias operações". O objeto da reflexão não é externo à mente que pensa, mas é o próprio processo de pensar. A mente possui assim uma fonte intrínseca de ideias, que examinando o próprio ato de examinar produz um novo conjunto de ideias que podem por sua vez ser examinados:

"Essas operações, quando a alma sobre elas reflete e as considera, abastecem o entendimento de uma outra série de ideias que não se poderiam receber das coisas exteriores. Tais são as de percepção, pensar, duvidar, acreditar, raciocinar, conhecer, querer e de todas as diversas ações do nosso próprio espírito" (LOCKE, 2010, p.107).

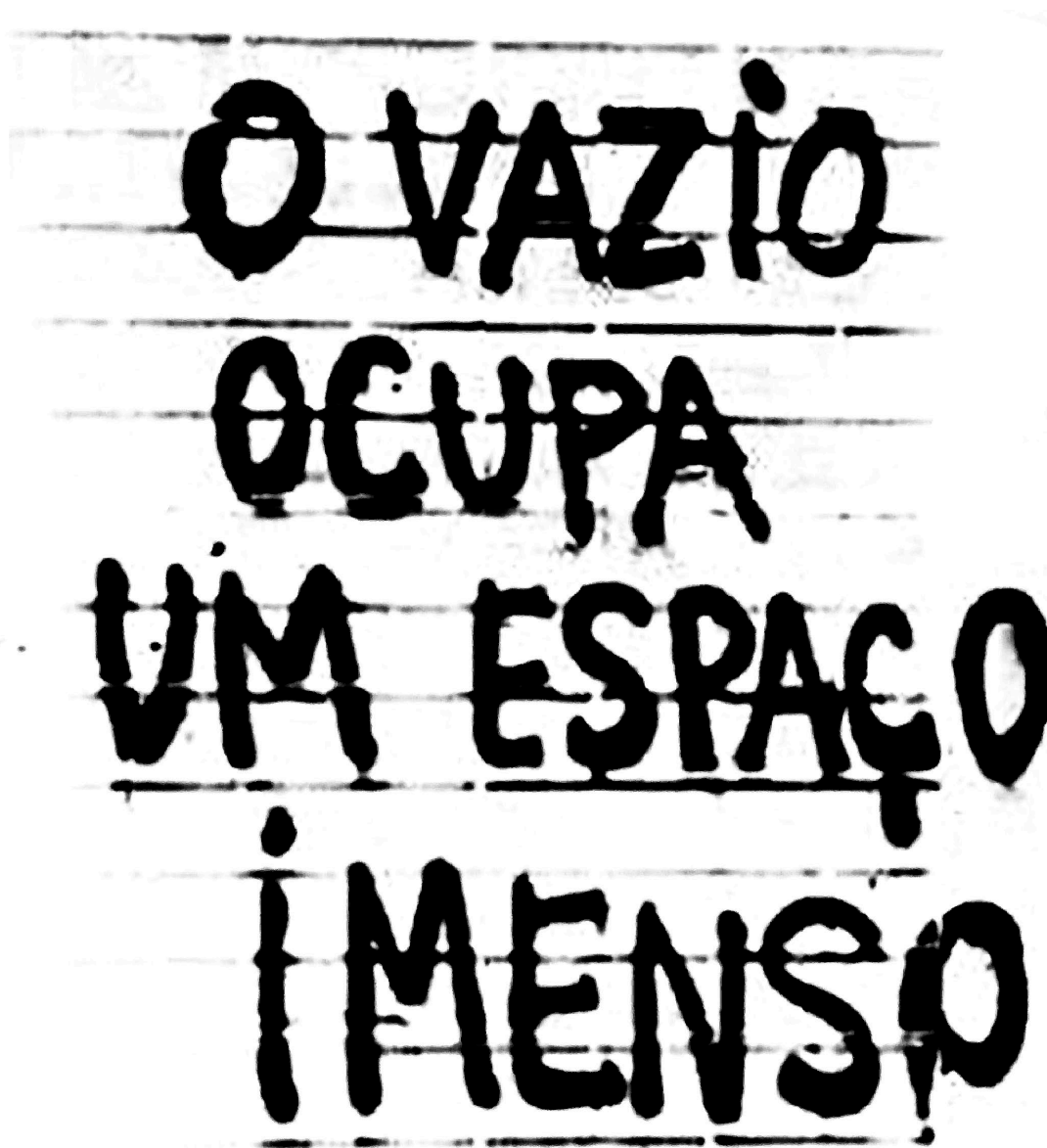


Figura 2 – Grafite “O vazio ocupa um espaço imenso”. Fonte: Imagem da web – Autor desconhecido.

E foi aqui que pretendi chegar com você caro leitor, que você compreenda que naturalmente estará inserido em algum lugar, em um espaço, e cabe a você depositar nele suas próprias interpretações, ele será o lugar de intenção, um vir a sentir, o devir. Assim, a ideia de percepção não é obtida através de uma sensação momentânea, mas sim ao refletir sobre a capacidade que a mente possui em si mesma de perceber. Como diz Locke, ela é a “primeira e mais simples ideia que temos”, pois, a capacidade é anterior ao ato de perceber. As operações da mente sobre as quais a reflexão reflete não são ideias, elas são anteriores à experiência que as apresentará à consciência sob a forma de ideia.

A sua mente pode até se assemelhar a uma folha de papel, mas é uma folha de papel com vários rascunhos, imagine que nela você já fez inúmeros croquis, já elaborou dezenas de ideias e soluções, voltou atrás nessas ideias mais dezenas de vezes, apagou tudo e recomeçou aquela ideia inicial. Do ponto de vista da ordem temporal não há, portanto, nenhum momento em que a mente seja vazia de conteúdo, seja na infância ou na vida adulta,

isso porque, uma vez que exista mente, ela é capaz de perceber a própria capacidade de perceber.

Geralmente quando se fala em arquitetura, é inerente a presença da apreciação da estética e da técnica construtiva, mas proponho a desvinculação desses termos da mesma, pretende-se aqui antes de tudo analisar a condição espacial, que agora passa a ser protagonista da nossa proposta, o estudo dos valores simbólicos empíricos que o mesmo possa provocar em cada um, e para isso precisa-se antes de tudo da experiência espacial, seja ela pelo seu andar na cidade ou no interior de sua residência.

Nessas últimas frases é possível que você tenha notado a palavra **ESPAÇO**, e é claro que eu não posso entrar numa discussão da concepção espacial dentro da teoria da arquitetura sem antes defini-lo.

es.pa.ço: 1- Linha que se imagina descrita por um ponto em movimento.
2-Distância linear entre duas coisas, objetos etc.; intervalo, vão, vazio.



Figura 3- Espaço, espaços espaçados / Fonte: Autoria do grupo.

2. A CONCEPÇÃO ESPACIAL

O que se pode dizer é que o conceito de espacialidade, como elucidado na definição, pode ser compreendido inicialmente a partir do corpo em movimento; o espaço sendo conceituado e avaliado a partir do passeio arquitetônico, do modo como se estabelece a relação entre corpo em movimento, paredes e mobiliário, seja nas diferentes escalas. Porém, mesmo diante dessas ideias o espaço pode ainda ter sua existência questionada, em outras palavras, o espaço pode não existir. Parece abstrato, assim como pareceu para mim no momento em que fui tentar compreender o que seria espaço, seria uma casa? Seria ele qualquer coisa conformada por arestas? E assim não obtive nenhuma resposta.

Não tenho o objetivo aqui de reproduzir os clichês que sondam a arquitetura, como por exemplo, uma explicação objetiva de qual seria o sentido do espaço. Porque aí entramos numa conversa de começo, meio e fim, e isso é tudo que o espaço não tem, delimitações. Ele é singular e plural ao mesmo tempo, permitindo a existência de diferentes interpretações para esses questionamentos existencialistas, mas a única coisa que posso dizer é que o espaço é fluido, mutável, assim como eu e você.

Para corroborar essa ideia, em seu texto *"O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?"*, Fernando Freitas Fuão dirá que "A busca de um sentido das

coisas e do espaço é todo um sem-sentido, e qualquer tentativa em compreender, deve passar pela lógica do nonsense. O sentido não vive sem o sem-sentido, pois justamente é ele que alimenta o sentido". E é aí que existe a diferença entre o ter e o ser, o espaço deve ser sentido e não, ter sentido. E qualquer tentativa de compreender isso vai ser em vão, pois não existe uma interpretação total, uma verdade absoluta, é exatamente como eu disse anteriormente, o espaço é um lugar de intenção, são as ideias que você quiser atribuir a ele.

Talvez o sentido do espaço só exista a partir da experiência particular de cada indivíduo, não existe um espaço objetivo e autônomo sem o ser humano. Portanto, o significado do espaço na arquitetura não está na abstração dele, no interior do edifício, na relação entre o constructo e o não constructo. Qualquer significado que possa ser dado está do lado de fora, muito além da superfície. Está no interior das pessoas que o vivencia, está nas experiências que John Locke havia atribuído a cada um e aí diz que o espaço não é uma categoria de orientação, mas sim toda orientação. Naturalmente, pelo fato de existirmos, estamos gerando inconscientemente um espaço, somos um corpo no espaço.

Sendo assim, a espacialidade tem uma dinâmica; a forma do espaço e o deslocamento do corpo interagem e modificam-se mutuamente. A espacialidade, portanto,



Figura 4 - Croqui para concurso da Praça Arautos da Paz (1999) / Autoria: Joaquim Caetano de Lima Filho.

não é neutra, ela pode colaborar ou emperrar o desempenho do corpo. E é exatamente nesse sentido que inúmeros teóricos dizem que a essência das questões esteja no observador em movimento, no lá ou no cá, no ali e no aqui, e que a essência experiencial da arquitetura só pode ser vivida se tivermos a capacidade de nos colocar nessa posição de centros e então, intuir a lógica espacial de cada situação.

O espaço por si só é tão plástico e imaterial como o próprio tempo, variando com os indivíduos, com os povos, com as épocas e, principalmente, com os pontos de vista. E é nesse jogo de pontos de vista que David Harvey vai dizer que "Vivemos a temporalização do espaço e a espacialização do tempo".

3. O VAZIO

- va.zi.o :*
- 1- Espaço vazio; oco, vácuo, vão.
 - 2- Que é superficial, sem conteúdo; frívolo, fútil, oco, vão.
 - 3- Desprovido de significado ou de valor.
 - 4- Que não contém nada ou só contém ar.
- (DICIONÁRIO MICHAELIS)

Depois da tentativa mínima de conceituar o espaço, nós chegamos aqui, em uma manifestação dele. Explicar o espaço e entender as variações dele não se limita aos elementos construtivos, não se limita às dimensões de larguras, comprimentos e alturas, mas pode se manifestar de outras maneiras, isto é, pelo vazio. Admito aqui e reconheço que o vazio tenha sua existência concreta, como um elemento ativo e efetivo, porém jamais neutro. O vazio não deve ser entendido como algo desprovido de sensibilidade; algo que seja indiferente ou insensível, ou que por definição não apresente uma clareza, isto é, que seja vago. Na realidade o vazio se manifesta em suas mais variadas e complexas conjunturas, seja no vão livre do MASP de Lina Bo Bardi, seja no grande prático do MUBE de Paulo Mendes da Rocha, ou em outros grandes exemplares da arquitetura brasileira.

O que existe é que os vazios configuram-se a partir da existência de determinado tipo de arquitetura que gera esse vazio, e não é decorrente da ausência da arquitetura ou de uma arquitetura abandonada. E é essa

a ideia que ilustra o título deste ensaio: "A arquitetura do vazio: a concepção do nada e de tudo". O que significa que pensar na arquitetura, é pensar também no vazio, é conceber a história para o nada assim também como para o tudo, logo, o vazio nunca estará desprovido de arquitetura, e sim tem seus múltiplos significados, seus sentidos que são transportados ora mais ora menos, ao passo que cada indivíduo dá um significado e ocupa esse vazio.

Volto aqui leitor para a ideia que eu expus anteriormente sobre espaço ser movimento, movimento gera percurso, e é nesse momento que deparamos que o vazio é o percurso em direção ao interior, à verdadeira vida, o estado acompanhado de certo prazer que antecede a experiência de si próprio, o espaço da solidão, introspecção, serenidade. E para compreender tanto esse vazio que falo, precisamos fazer um esforço de pensar nele como a dimensão mais profunda que a arquitetura poderia ter, é difícil de se compreender eu sei, pois, entender o vazio naturalmente implica no reconhecimento da dimensão cinestésica do corpo ao mergulhar nas profundezas do espaço arquitetônico, isto é, como seu corpo sente no espaço, e como essas experiências se manifestam em você, seria por meio da emoção? Do choro? Do entusiasmo? Da curiosidade? Ou do desinteresse? E é aí que eu te pergunto, você se conhece? Compreende seus próprios sentimentos antes de estar apto a reconhecer as intenções desses vazios na arquitetura?

Assim como nós, o espaço vazio é como uma folha em branco, aquela que John Locke refletiu. Talvez o vazio seja a folha em branco à espera de algumas palavras, de algum movimento, de alguma interação espacial. Percebemos que o espaço vazio denuncia um desejo de iminência das coisas, do pensamento, por exemplo. No vazio, o pensamento encontra lugar, porque ali ainda nada foi escrito, nada foi dito, nada foi estabelecido, e digo estabelecido no sentido de habitado, pois é no vazio que às vezes a gente encontra o lugar, o lugar de conforto, de paz de reflexão, do diálogo dele e com ele.

E assim o homem, propriamente dito o 'eu' e o pensamento, nos tornamos protagonistas do espaço, eles agem, dizem, criam sem restrições, porque no vazio nada foi preestabelecido. "O vazio faz então pensar sobre as coisas do homem: nessa expressão de liberdade, somos o próprio espaço." (FELIPPE, M. L.) O espaço onde o vazio se completa. O espaço onde tudo

de um espaço para o outro, determinando períodos..

Aqui



À procura de um lugar.

acontece.

O vazio nunca deve ser compreendido pela falta de materialidade contemplativa, e sim com a ênfase no vazio que desmaterializa o espaço para a dinâmica social própria, pois é a partir desse pensamento que o vazio passa a se qualificar como uma transformação contínua de valores no espaço ligado com a atividade social. É isso que Argan vai elucidar no livro “El concepto del espacio arquitectónico”, onde percebe espaço já não concebido através dos limites perspectivos, mas através de direções quase ilimitadas, indefinidas:

(...). Naturalmente, não devemos esquecer de ter em conta sempre a condição do ambiente. Entretanto, este não é o espaço no sentido arquitetônico, é simplesmente um vazio que todas as vezes se qualifica linearmente, plasticamente, luminotecnicamente e cromaticamente pela forma arquitetônica em seu desenvolvimento contínuo. E afirmar que existe aqui uma busca de uma dinâmica, e não de uma composição de massas, (...) o que se deseja alcançar é precisamente uma dinâmica interior da forma arquitetônica. (ARGAN, 1977, 158).

Sendo assim, precisamos desconstruir a ideia de que o vazio é obsoleto, inútil. Na verdade, o vazio pode ser desprovido de matéria, mas é cheio de significado. Para muitos, compreender o vazio limita-se talvez na percepção da falta de edificação, mas reitero que o vazio é mais que isso. Assim como René Descartes, compartilho do juízo de que “Assumir a ideia de a visão como elemento principal da percepção espacial, é basear uma ideia no privilégio dela”, em outras palavras significa dizer que o indivíduo não detentor de visão é desprovido da capacidade de compreensão espacial, o que não é verdade. O certo a se fazer, é também relacionar “a visão ao tato, um sentido considerado mais certo e menos vulnerável a erros do que a visão”. Trecho este presente no livro Os olhos da pele de Juhani Pallasmaa.

“Os olhos querem colaborar com os outros sentidos. Todos os sentidos, inclusive a visão, podem ser considerados como extensões do sentido do tato – como espacializações da pele. Eles definem a interface entre a pele e o ambiente – entre a interioridade opaca do corpo e a exterioridade do mundo, na visão de René Splitz, “toda percepção começa na cavidade oral, que serve como a ponte primitiva da recepção interna à percepção externa” (PALLASMA, 2005).

O autor reitera ainda que:

“A predileção pelos olhos nunca foi tão evidente na arte da arquitetura como nos últimos 30 anos, nos quais tem predominado um tipo de obra que busca imagens visuais surpreendentes e memoráveis. Em vez de uma experiência plástica e espacial embasada na existência humana, a arquitetura tem adotado a estratégia psicológica da publicidade e da

persuasão instantânea; as edificações se tornaram produtos visuais desconectados da profundidade existencial e da sinceridade.” (PALLASMA, 2005)

Dito isso, encerro aqui, caro leitor, o diálogo sobre o vazio que tive com você até o momento, e digo encerramento não sendo o limite da discussão sobre o vazio, mas porque esse meu espaço aqui é curto. Busque extrair das suas experiências passadas e as que virão, se conhecer, o teu interior.. o teu vazio interior, como também conhecer o vazio da arquitetura. Não sei se respondi as questões que você esperava, mas logo no início deste ensaio havia explanado que não tinha a menor pretensão de superar suas expectativas, de provar alguma coisa para você.

Espero que eu não tenha dado resposta de nada, não iniciei essa discussão em busca de uma solução final, uma conclusão, que aliás não terá aqui, porque concluir algo significa dizer que cheguei a uma resposta, mas não foi isso que aconteceu, chegamos juntos a questões que com certeza me perguntarei daqui para a frente, pode ser que daqui alguns anos eu volte para retornar a esses pontos em um outro texto. O que resta dizer é que estamos em completa desorientação, estamos dentro do cheio e fora do vazio, ou fora do cheio e dentro do vazio, ou até estamos simultaneamente dentro e fora, ou simplesmente nem dentro nem fora.

“Foi engraçado, porque eu escutando de um amigo que era da minha terra, que eu morava junto com ele, ele sempre achava que ali no vão do MASP – quando a gente fica ali embaixo – ele sempre parava ali e ia pro outro lado da Avenida Paulista, debaixo do MASP, porque ele achava que ali tinha o mar. Ele sempre ia achar o mar ali. E aí uma vez eu fui fazer isso, fiz algumas vezes, porque parece que tem o mar. E esse mar, eu fui entendendo esse mar dentro de mim. Entendendo esse mar nas proporções oceânicas que essa cidade tem, nas proporções e na profundidade dessa cidade, e aí eu fui também descobrindo a minha própria. Descobrindo na ausência e no anonimato de uma cidade grande como essa um pouco mais quem eu era.” (Trecho retirado do Filme: SOMOS SÃO PAULO. Fala de migrante do Rio Grande do Norte, vive em São Paulo).





Figura 5 - Croqui Museu de Arte de São Paulo, MASP (2020) / Autoria: Giovanna Loiola Marques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. El concepto del espacio arquitectónico: desde el Barroco a nuestros días. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1977.
- PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 2006. DAVIS, Mike. Planeta favela. São Paulo: Boitempo, 2006. DELEUZE, Gilles.
- LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. Volume II. Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo. Tradução de Anoar Aiex, 1999.
- LAING, R.D. Laços. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ROSENDAHL, Zeny. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do Espaço Sagrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. 33Cadernos de Geografia nº 37 - 2018 Coimbra, FLUC - pp. 33-41
- OLIVEIRA, Olivia de. Lina Bo Bardi - Obra construída. Editora G. Gili, Ltda. São Paulo-SP, 2014.
- ALABASTRO, Revista eletrônica da escola de Sociologia e Política de São Paulo. Alabastro: ISSN 2318-3179, São Paulo, ano 4, v. 1, n. 7, 2016.
- AGUIAR, Douglas Vieira. ESPAÇO, CORPO E MOVIMENTO: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura. Arqtextos Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAU UFRGS, 2006.
- FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 2ª parte . Vitruvius ARQUITEXTOS 049.02 ano 05, jun. 2004. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.049/574> > .Acesso em 07 dez 2020.
- FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte . Vitruvius ARQUITEXTOS. 048.02 ano 04, maio 2004. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582> > . Acesso em 07 dez 2020.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho. Numa velha fábrica de tambores. Sesc Pompeia comemora 25 anos. Vitruvius ARQTEXTOS. 093.01 São Paulo abril 2008. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897> > .Acesso em: Acesso em 10 dez 2020.
- GOMES, Sílvia de Toledo. A estrela de Davi estilhaçada: uma leitura do Museu Judaico de Berlim de Daniel Libeskind . Vitruvius ARQUITEXTOS. 081.06ano 07, fev. 2007. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/273> > .Acesso em 10 dez 2020
- PERRONE, Rafael Antonio Cunha. Passos à frente: algumas observações sobre o MUBE. Vitruvius ARQTEXTOS. 136.03ano 12, set. 2011. Disponível em: < <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.136/4042> > .Acesso em 10 dez 2020.
- FELIPPE, Maira Longhinotti (2010). Casa: uma poética da terceira pele. Psicologia & Sociedade, 22(2), 299-308.

O encontro entre a arquitetura e a dança

AUTORES

Milena Furlan Andrello
10º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

Sarah Maria Miranda Lima
Arquiteta e Urbanista/ Mestranda no PÓSURB-ARQ,
PUC-Campinas (Bolsista Capes)

RESUMO

A partir da indagação feita pelos professores na disciplina de Teoria da Arquitetura (FAUPUCCAMP) sobre o que seria uma boa arquitetura e as diferentes formas de atuação de um arquiteto, pensamos em juntar três paixões: a música, a dança e a arquitetura para produzir o trabalho final da disciplina. A partir daí foi criado um método de análise do espaço a partir dos movimentos do corpo. O Engenho Central de Piracicaba foi o local escolhido. Foram selecionados três conceitos que por si caracterizam aquele espaço e também tinham referência com a música e a dança: tempo, escala e ritmo, e assim a análise foi concretizada a partir da produção de um vídeo.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura; dança; música; tempo; escala; ritmo.

1. INTRODUÇÃO

Essa metodologia de análise do espaço através dos movimentos do corpo foi desenvolvida a partir da necessidade de elaboração de um trabalho final para a disciplina de Teoria da Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, orientada pelos professores Wilson Mariana e Luis Amaral. O trabalho deveria responder a duas principais perguntas: O que é uma boa arquitetura? Quais são as diferentes formas de atuação de um arquiteto?

Pensando nisso e em conjunto com uma paixão já antiga na dança, foi decidido criar alguma forma de juntá-las e assim foi desenvolvida a metodologia de análise do espaço através dos movimentos do corpo que será descrita adiante. Na época, o único trabalho que chegava próximo ao que era a intenção de desenvolvimento era o Trabalho Final da Graduação (TFG) da aluna Taís Akemi Tada que discursava sobre o movimento do corpo no espaço [1].

A dança é produção de conhecimento, a partir dela criamos questionamentos, analisamos, discutimos e narramos. Quando um **movimento** é escolhido, nele são representadas todas as suas intenções, crenças, relações e pensamentos. Nem sempre isso acontece de modo consciente, mas conscientemente ou não ali estão expostas suas atitudes e pensamentos [2].

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para analisar um espaço arquitetônico através dos movimentos do corpo foi composta por 4 principais etapas: definição do espaço, da música, estudo dos movimentos do corpo e a consolidação da análise.

O primeiro passo foi a escolha do local a ser analisado, era importante que ele tivesse fácil acesso para que fosse possível analisar, criar e gravar o conteúdo, procuramos também um espaço que tivesse uma **diversidade de sensações** (dentro e fora, pequeno e grande). A partir das buscas e análises foi decidido que o espaço escolhido seria o Engenho Central de Piracicaba, de modo a analisar os elementos arquitetônicos e o espaço como um todo, sendo caracterizado em três conceitos que tinham conexão entre as três diferentes áreas (música, dança e arquitetura): **TEMPO, ESCALA E RITMO**.

Após definidos os conceitos que norteariam essa análise, iniciou-se o processo de escolha da música. Houve uma reflexão sobre qual estilo faria mais sentido na nossa concepção para analisar esse espaço e chegamos a Ludovico Einaudi, pianista e compositor italiano de música erudita, pois para as autoras do trabalho suas peças conseguem abranger diferentes sensações e contém uma complexidade musical que condizem com o espaço analisado. O próximo passo foi escutar várias músicas do compositor para encontrar uma peça que representasse e conseguisse transmitir a ideia que era desejada para os três conceitos escolhidos. A música indicada foi "Night", lançada em 2015.

Escolhidos o espaço, a música e os conceitos, buscamos definir padrões corporais que os demonstrassem, e a partir deles foi criada uma coreografia dividida em trechos que representavam cada um e ao final, uma síntese com todos esses conceitos numa única sequência coreográfica.

2.1 DEFINIÇÃO E EXPLICAÇÃO DAS PALAVRAS ESCOLHIDAS

- TEMPO

Na arquitetura, segundo a visão das autoras, o tempo é representado através das construções (os barracões antigos, restaurados e não restaurados) que compõem o mesmo espaço no tempo presente. Na dança, o tempo representa a velocidade do movimento corporal, contraste e contratempo entre eles [3]. E na música, o tempo é a duração de cada unidade do compasso [4].

Na análise feita para o presente trabalho, o tempo é literal (passado e presente – antigo e restaurado). Ao ser criada a coreografia, os **movimentos** foram mais marcados e, na maior parte dela, dançada no contratempo, pois cada corpo representava um tempo espacial e arquitetônico, mas que de certa forma estavam relacionados no mesmo espaço, motivo também para sempre estarem dançando as duas bailarinas.



Figura 1 – Foto entre dois barracões / Fonte: Autoral.

- **ESCALA**

Na arquitetura, a escala é representada pela relação entre as medidas de um espaço construído ou não-construído e sua representação gráfica [5]. Na dança, a escala é a relação e sensação do corpo entre os diferentes espaços, segundo a percepção das autoras, e na música a escala é uma sequência ordenada de tons pela frequência vibratória de sons que consiste na manutenção de determinados intervalos entre as suas notas [6].

No trabalho, a parte coreografada mostrava as diferentes escalas do engenho, relacionando-as com as **diferentes escalas que o corpo ocupa** nele (escala do edifício, da porta, de um espaço amplo e do engenho inserido no contexto urbano). Neste momento, não havia muita coreografia, era algo mais fluido, andando, correndo ou fazendo alguns movimentos. A única parte coreografada foi quando havia uma relação com o urbano, pois a intenção era mostrar a grandeza do lugar (movimentos grandes e dinâmicos).



Figura 2 - Foto do Teatro Erotídes de Campos - Projeto de Restauro: Brasil Arquitetura / Fonte: Autoral.

- **RITMO**

Na arquitetura, o ritmo se dá pelas **repetições** dos elementos que a compõem [7], já na dança ele se dá a partir da execução do movimento seguindo um determinado ritmo pré estabelecido pela música [8], e na música o ritmo pode ser descrito como um movimento coordenado, uma repetição de intervalos musicais regulares ou irregulares, fortes ou fracos, longos ou breves, que estão presentes na composição musical [9].

No presente trabalho, a coreografia que representava esse conceito era composta por movimentos mais soltos, circulares, fluidos e repetitivos. Fluida quando se fala do rio, mostrando sua dinâmica e sua leveza e repetitiva quando mostradow o ritmo arquitetônico dos pilares e janelas dos barracões.

- **SÍNTESE**

Foi a junção de tudo o que foi avaliado e levantado

como informação. Na parte coreografada há uma mistura dos movimentos, já feitos anteriormente, com sobreposição de imagens. A intenção é mostrar que o Engenho Central de Piracicaba é composto por essas camadas sobrepostas de tempos, espaços, linguagens, ritmos e escalas.

3. RESULTADO E CONCLUSÃO

Como produto final de toda essa metodologia de análise do espaço, foi desenvolvido um vídeo onde música, coreografia, imagem e edição formam um conjunto que representa o que o próprio nome desse trabalho diz: "O encontro entre a arquitetura e a dança".

O vídeo foi a forma que melhor traduziu a leitura e metodologia, nele foi possível reunir dança, arquitetura e música num único produto. Este, pode ser acessado através do QRCode ao lado.



Figura 3 – Foto interna de um dos barracões do Engenho / Fonte: Autoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] AKEMI, Thais. Arquitetura e Dança: o movimento do corpo no espaço. 2017. Trabalho Final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- [2] RENGEL, Lenira; SCHAFFNER, Carmen; OLIVEIRA, Eduardo. Dança, Corpo e Contemporaneidade. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174965/4/eBook_Danca_Corpo_e_Contemporaneidade-Licenciatura_em_Danca_UFBA.pdf>. Acesso em: 26 jun 2021.
- [3] Secretaria de Educação do Paraná. Elementos formais da Dança. Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=261>> Acesso em: 30 jun 2021.
- [4] Tempo (música). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempo_\(m%C3%BAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempo_(m%C3%BAsica))> Acesso em: 30 jun 2021.
- [5] Colégio de Arquitetos. Disponível em: <<http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2013/02/o-que-e-escala/>> Acesso em: 30 jun 2021.
- [6] Escala Musical. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escala_musical> Acesso em: 30 jun 2021.
- [7] HASSEGAWA, Benício. 7 conceitos práticos com exemplos de utilização na arquitetura. Disponível em: <<http://comoprojetar.com.br/o-que-e-venustas-7-conceitos-praticos-com-exemplos-de-utilizacao-na-arquitetura/>> Acesso em: 30 jun 2021.
- [8] RONDINELLI, Paula. Dança: história, ritmo e movimento; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/danca-historia-ritmo-movimento.htm>> Acesso em 30 jun 2021.
- [9] SANTIAGO, Emerson. Ritmo Musical; Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/ritmo-musical/>> Acesso em: 30 jun 2021.

O referente artigo é resultado do trabalho de origem elaborado para disciplina de Teoria da Arquitetura – FAU PUC-Campinas em 2018, integrado pelas autoras Gabriela Arena, Milena Furlan Andrelo e Sarah Maria Miranda Lima.



RAÇA: um olhar “sob” a arquitetura e o urbanismo

AUTORA

Ana Beatriz Balbino Gonçalves
8º sem. de Arquitetura e Urbanismo, PUC-Campinas

1. INTRODUÇÃO

As questões raciais permeiam profundamente todos os âmbitos da sociedade, estando diretamente ligadas à situações socioeconômicas e moldando de forma cruel a definição de nossas posições hierárquicas. O racismo é sistêmico e as várias formas de desigualdade servem como base para a concepção da estrutura social como conhecemos.

A palavra “sob” encontrada no título deste artigo não caracteriza um erro gramatical, mas uma escolha proposital: possui o significado de “posição inferior a outra”. Sem dúvida podemos afirmar: a arquitetura e o urbanismo não são isentos de problemáticas raciais.

A percepção romantizada através do ideal artístico prejudica a compreensão da arquitetura como um elemento fundamentalmente político. Porém, devemos nos libertar dessas crenças falsas e ingênuas, reconhecendo que não existe neutralidade, em tudo se acha motivações, causas e consequências.

Investigaremos então aspectos que associam raça, arquitetura e urbanismo, buscando estabelecer relações e compreender fenômenos, desde a introdução de alunos negros na graduação, a exposição à determinadas obras e a desigualdade extrema apresentada no território brasileiro, até os diversos efeitos em nossas práticas e visões profissionais.

2. CONCEITUAÇÃO

É de conhecimento geral que, nos séculos passados, o termo raça foi erroneamente utilizado de forma biológica e científica, em prol de uma categorização hierárquica dos seres humanos e como justificativa para a segregação e exploração de determinados povos, se baseando em características fenotípicas, culturais e a origem comum. Tais alegações, empregando a teoria darwinista através do fator social, foram utilizadas como pretexto para a dominação e extermínio de populações consideradas inferiores, servindo de base para ideais e leis eugenistas. Tendo estas teorias racistas sido, em tese, superadas, percebemos que suas doutrinas surtem efeitos na organização social até o momento atual.

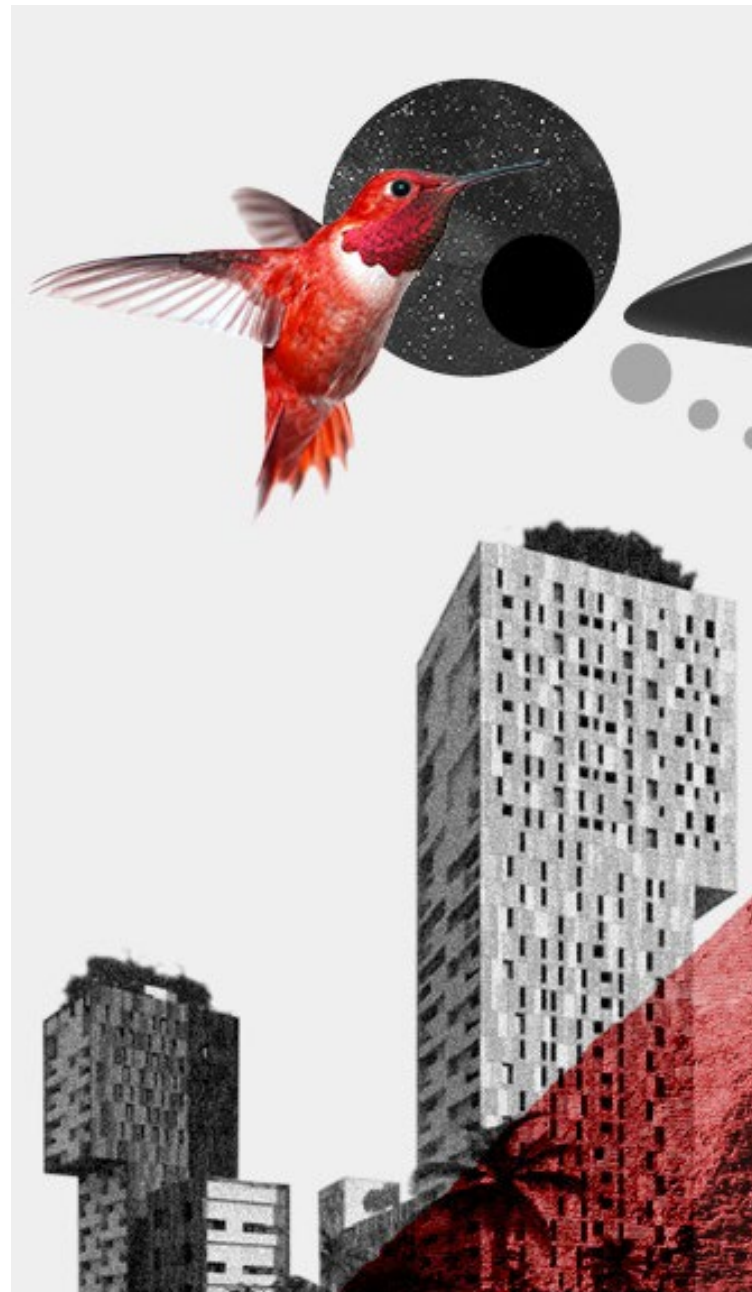


Figura 1 - Capa do trailer do podcast Afrofuturismo.
Autoria: Emmanuelle Nicolas, FMM.



Neste artigo abordaremos o conceito de raça pelo aspecto sociológico, já que a construção do reconhecimento de raças se dá socialmente, através da leitura visual das características físicas dos indivíduos, mediante suas equivalências com a categorização de grupos étnicos pre-determinada no imaginário coletivo. Segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2004): "o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação."

3. INGRESSO E PERMANÊNCIA

Como já mencionado, a identificação racial é, por muitas vezes, vinculada à posição socioeconômica, sendo a maioria da população negra, ou seja, pretos e pardos, também pobre, grave sequela do período escravocrata. Sabemos também que o acesso ao ensino superior no Brasil (um país majoritariamente negro) é extremamente desigual, o que não seria diferente nos cursos de arquitetura, tanto em universidades públicas quanto particulares. O curso, historicamente prestigiado e elitista, é proporcionalmente um dos que menos admite estudantes negros. Isso implica em diversas problemáticas, como as relacionadas a representatividade, o que discutiremos em seguida.

Quando nos deparamos com uma desigualdade é necessário encontrar meios efetivos e reais para superá-la. Parece uma contradição, porém uma desigualdade apenas pode ser superada através de outra. Tratemos a busca néscia por uma igualdade ilusória e frágil como a ideia simplista e utópica que é, não surtindo efeitos reais e significativos. O conceito constitucional de equidade, adaptação da regra em prol de uma distribuição mais justa, somente é alcançado com a compreensão de que grupos historicamente desprivilegiados precisam de medidas concretas que atuem a seu favor, como forma de reparação, possibilitando a superação do sistema hierárquico de poder e posicionamento social.

Surgem então as políticas públicas de ações afirmativas, ferramentas que, ao auxiliar o ingresso de determinados grupos no ensino superior, por exemplo, visam atenuar essas desigualdades tão expressivas. De fato, conseguimos perceber que essas medidas funcionam, já que, desde sua implantação, houve um aumento significativo do índice de estudantes negros nas universidades brasileiras.

Além das políticas de inclusão, é essencial também citar a necessidade de políticas de permanência, para evitar a evasão universitária de pessoas negras e de baixa renda. Um dos principais motivos de desistência e trancamento de curso é a impossibilidade de se sustentar financeiramente, já que muitos cursos de arquitetura abrangem o período integral e exigem uma alta demanda de tempo, dificultando a conciliação entre trabalho e estudo.

Ainda no contexto acadêmico, podemos apontar casos de discriminação racial, assédio moral e sexual, entre outras adversidades que muitos estudantes relatam sofrer. É importante que as universidades procurem compreender a realidade de todos os alunos e tomem as ações

apropriadas para cada situação.

4. REFERENCIAL, CONTEXTO E CONTRIBUIÇÃO

É indiscutível afirmar que os referenciais que absorvemos durante a vida servem como nosso principal ponto de partida para a criação e moldam o arquiteto que somos ou nos tornaremos. Se refletirmos sobre o tipo de concepção arquitetônica que temos contato na maior parte do curso acadêmico logo encontramos um padrão: arquitetura de visão colonizada, produzida por homens brancos, cis gêneros, heterossexuais, europeus ou norte-americanos, salvo quando falamos da arquitetura brasileira em específico. Como podemos considerar que isto não afeta a nossa visão sobre o que é projetar, de que forma e para quem?

Temos que admitir: tanto a produção arquitetônica quanto o desenho das cidades perpetuam e escancararam as estruturas de poder existentes. Desde a maneira como a cidade se conforma até seus edifícios, símbolos de domínio e status que, no passado, eram construídos com mão de obra escravista (sem citar a tipologia colonial da casa grande e senzala), e atualmente, seguem com a mesma lógica segregacionista, como os conhecidos "quartinhos de empregada" e elevadores de serviço.

Partindo do acesso à prática do projeto: regularmente destinado às classes mais altas ou incorporado pelo mercado imobiliário, se encontrando pouco acessível ao restante da população. Desta forma, mantém-se o estereótipo (reforçado fortemente pela burocracia e falta de informação) de que a contratação do serviço de arquitetura é cara demais e dispensável, o "hábito" cultural das construções na informalidade e a desvalorização da profissão como a atividade indispensável que é. Isso sem mencionar a carência básica de moradias e infraestruturas dignas no Brasil: não se tem acesso à habitação, que dirá à arquitetura.

Quando falamos de urbanismo, temos a evidente segregação socioespacial que impera na produção do espaço urbano, afastando os bairros periféricos dos locais de trabalho, fomentando a criação e ampliação de favelas, vetando as populações marginalizadas do acesso à infraestrutura adequada e espaços públicos e de lazer de qualidade, entre outros. Os modelos condominiais, sob o propósito de criar minicidades autosuficientes, partem de uma lógica excludente e higienista, concentrando usos e infraestrutura cercados por muros enormes, renegando a rua e a cidade, em uma espécie de apartheid social.

Logo, vemos a multiplicidade presente na maneira de viver e experienciar a arquitetura e a cidade. É inconcebível acreditar que exista apenas um tipo interessante de arquitetura, ou de arquiteto, e que suas pautas sejam suficientes para atender toda a sociedade. Não podemos mais desconsiderar a participação de pessoas com contextos diferenciados nas discussões acerca dos espaços e das cidades, é necessário aceitar que a diversidade é primordial e benéfica, é preciso, antes de tudo, furar a bolha e aprender a reconhecer um universo de existências e contextos.



Figura 2 – Colagem “Os novos arquitetos da Liberdade” com utilização da obra “History of the Black People” de Jean-Michel Basquiat e fotografia principal disponível em: www.beautifulnews.com/meet-new-architects-freedom / Fonte: Ana Beatriz Balbino Gonçalves

5. TRABALHO E DIVULGAÇÃO

Em 2018 foi realizado pelo CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) o diagnóstico de gênero, seu primeiro registro com levantamento de dados étnico-raciais. Conforme as informações divulgadas apenas 13% dos arquitetos selecionados se declararam pardos, e 4% se declararam pretos. As arquitetas negras aparecem como o grupo que mais declarou ter sofrido assédio moral, sexual e discriminação de gênero no ambiente de trabalho, além de sua média de rendimentos ser praticamente a metade da média de arquitetos homens brancos. Também é possível destacar a falta de professores e pesquisadores negros no campo da arquitetura.

Estes fatores apontam para a notória falta de representatividade negra dentro da profissão. É importante que jovens que se identificam com a arquitetura possam encontrar pessoas nas quais se espelhar e inspirar. Felizmente, existem projetos que realizam o mapeamento e a divulgação de arquitetos e arquitetas negras e seu trabalho, como o coletivo Arquitetas Negras e o projeto Arquitetas e Arquitetos Negros pelo Mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUITETAS E ARQUITETOS NEGROS PELO MUNDO. Disponível em: <http://arquitetasnegras.ufba.br/>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- CAU/BR. Diagnóstico revela o perfil da desigualdade de gênero na Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/diagnostico-revela-o-perfil-da-desigualdade-de-genero-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 29 jun. 2021.

6. CONCLUSÃO

Uma das principais características da arquitetura e urbanismo é seu grande potencial de transformar: o espaço, as experiências, as percepções, as sensações e a sociedade. Seu olhar sensível é capaz de notar as nuances entre os desejos e necessidades dos seus usuários. Seu papel na sociedade é central, concebendo e articulando a organização territorial e os espaços. Tendo isso em vista, a arquitetura não pode mais permanecer alheia aos sérios problemas encontrados no contexto social. Ela precisa se reconectar com as múltiplas realidades em um país tão desigual quanto o nosso, pois, não devemos nos esquecer do papel social intrínseco à nossa atuação.

A equidade social, racial e cultural na arquitetura pode ser atingida, ao democratizar seus espaços, abandonando as lógicas coloniais, elitizadas e segregacionistas e ao se abrir para a diversidade e novas discussões, transformando-a em um espaço acessível e inclusivo, de todos e para todos.

- THE ARCHITECT'S NEWSPAPER. Un-making ARCHITECTURE: An anti-racist architecture manifesto. Disponível em: <https://www.archpaper.com/2020/06/un-making-architecture-an-anti-racist-architecture-manifesto/>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- VITRUVIUS. Perspectivas e desafios para o jovem arquiteto no Brasil. Disponível em: <https://vitruius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/12.133/3950>. Acesso em: 29 jun. 2021.

